

A IMPORTÂNCIA DE WORTH PARA O SURGIMENTO DA COLEÇÃO DE MODA: UM ESTUDO HISTÓRICO

Medeiros, Raquel. (Programa de Pós-graduação Têxtil e Moda - Universidade de São Paulo / USP).

Vicentini, Cláudia. (Programa de Pós-graduação Têxtil e Moda - Universidade de São Paulo / USP).

Resumo

O artigo apresenta a importância de Charles Frederick Worth para o surgimento da coleção de moda. Para tanto, faz-se um breve histórico da moda e do sistema de moda, mostrando como a moda se desenvolve junto ao surgimento do mundo moderno ocidental. Assim, localiza-se Worth e suas contribuições para estudos de moda. Mostrando que, a partir das inovações desse profissional, tem-se o princípio da coleção de moda.

Palavras-Chave: Moda; Frederick Worth; Alta Costura; Coleção de Moda.

Abstract

The article presents the importance of Charles Frederick Worth for the emergence of fashion collection. Therefore, it is a brief history of fashion and the fashion system, showing how fashion evolves with the emergence of the modern Western world. So Worth is located and their contributions to fashion studies. Showing that, from the innovations of this work, we have the beginning of the study fashion collection.

Keywords: Fashion; Frederick Worth, Haute Couture, Fashion Collection.

1 MODA E SISTEMA DE MODA : APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Antes de situar historicamente o surgimento da coleção de moda bem como a importância de Frédéric Worth durante esse momento histórico, torna-se necessário o estudo da própria moda e de como surge a necessidade de profissionais nessa área. Para se analisar o fenômeno da moda é necessário, antes de tudo, localizá-la historicamente, já que a moda não se trata de um fenômeno sempre existente. Não se pode falar de moda sem saber que ela nasce juntamente com o nascimento e desenvolvimento do mundo moderno ocidental. (LIPOVETSKY, 2007). Ou seja, antes mesmo de ir buscar conceitos que a definam de fato, torna-se plausível saber em que momento histórico ela surge.

Não se pode definir com propriedade quando exatamente se inicia a moda. Porém, alguns autores trabalham a ideia de que o sistema de moda passa a ser mais notório durante a fase do renascimento. O que se pode perceber é que durante muitos séculos, antes desse período, as indumentárias não apresentavam mudanças rápidas. As civilizações passadas, diferente do que se pode perceber hoje, não tinham vontade de mudanças bruscas na indumentária, nem grandes prospecções de efeitos estéticos diferentes, já que aos padrões e aos modelos antigos dava-se grande importância, ou seja, as repetições dos valores e padrões estéticos herdados do passado permaneciam passando de geração para geração.

Sem Estado nem classes e na dependência estrita do passado mítico, a sociedade primitiva é organizada para conter e negar a dinâmica da mudança e da história. Como poderia ela entregar-se aos caprichos das novidades quando os homens não são reconhecidos como os autores de seu próprio universo social, quando as regras da vida e os usos, as prescrições e as interdições sociais são colocados como resultantes de um tempo fundador que se trata de perpetuar numa imutável imobilidade, quando a antiguidade e a perpetuação do passado são os fundamentos da legitimidade? (LIPOVETSKY, 2007, p.p. 27-28)

Como nos afirma Lipovetsky (2007), por conta dessa perpetuação dos legados passados e da não aceitação de individualismos e diferenciações estéticas que definissem o homem como único, a moda não tinha espaço. O que se via era uma continuação e submissão ao passado coletivo e a moda, para se desenvolver, necessita de indivíduos e sociedade mutantes, com vontade de diferenciação. Como bem nos fala o autor na citação acima, com a inexistência de Estado ou classes, a sociedade era instigada a acreditar em histórias míticas, em valores contados, passados de pai para filho, em apenas resguardar os legados dos mais antigos.

É fato que nem sempre as sociedades tiveram anseio por mudanças repentinas, quebra brusca de modelos pré-existentes ou desejo pelo novo. Durante muitos séculos da história da humanidade as sociedades tinham a tradição como algo intocável e, dessa forma, repetiam modelos do passado. A inexistência de Estado e de classes fazia com que tais sociedades se apegassem à repetição do passado e negassem o novo. Isso, por sua vez, impossibilitava o aparecimento da moda, que indica mudanças.

Hiperconservadora, a sociedade primitiva impede o aparecimento da moda por ser esta inseparável de uma relativa desqualificação do passado: nada de moda sem prestígio e superioridade concedidos aos modelos novos e, ao mesmo tempo, sem uma certa depreciação da ordem antiga (LIPOVETSKY, 2007, p.27).

Mesmo que se existisse apelos estéticos como adornos, cabelos tingidos, acessórios, entre outros, nada que comparasse com o fenômeno moda. As indumentárias e/ou estéticas vigentes permaneciam inalteradas por muitos tempos. E, mesmo após o surgimento de Estado e classes, as mudanças não foram tão notórias assim, durante séculos a indumentária permanecia praticamente inalterada. Ainda citando Lipovetsky (2007): “No Egito antigo, o mesmo tipo de toga-túnica comum aos dois sexos manteve-se por quase quinze séculos com uma permanência quase absoluta” (Lipovetsky, 2007, p. 28). Ou seja, mesmo com as mudanças com relação à centralização do estado e diferenças de classes, muito tempo foi necessário até que os valores sociais mudassem os comportamentos dos indivíduos. “Certamente, com o Estado e as conquistas, a dinâmica mudança histórica está em ação, as correntes de importação e de difusão perturbam de tempos em tempos os usos e os costumes, mas sem adquirir por isso um caráter de moda.” (LIPOVETSKY, 2007, p.28).

Entre os séculos XVII e XIX, não se percebeu grandes mudanças nos trajes e, ainda não se podia falar em moda até esse período. “Todos os sociólogos concordam em que a moda se encontra em oposição aos costumes. Em *Les Lois Delimitation*, Tarde distingue ambos, dizendo que os costumes cultuam o passado, ligando-se assim à tradição, e a moda cultua o presente, adotando sempre a novidade.” (SOUZA, 2009, p. 20). Dessa maneira, como se viu, toda a tradição de épocas passadas não pode determinar moda, já que tinham mais ligação com os costumes do passado do que com mudanças do presente e prospecções de mudanças futuras.

A moda não é um fenômeno universal, mas próprio de certas sociedades e de certas épocas. De maneira geral, podemos dizer que os povos primitivos a desconhecem (talvez a grande significação religiosa e social atribuída à roupa e aos enfeites represente um empecilho às manifestações de mudança), que entre os gregos e romanos ela se limita a alguns setores, como a variação dos estilos de penteado, e que na Idade Média praticamente não existe. (SOUZA, 2009, p. 20)

Para se falar em moda, portanto, necessita-se seguir um ritmo de mudança mais acelerado, voltado para o presente. Assim, como bem afirma Souza (2009), as significações religiosas e sociais dadas às vestimentas, barravam, nas civilizações antigas, as mudanças. Isso porque a indumentária muitas vezes indicava o poder religioso ou monárquico e esses trajes ou cores eram, muitas vezes, proibidos para pessoas comuns.

Assim, nos fins da Idade Média, nos períodos do renascimento, a moda pode ser notada. Quando a nova classe burguesa se vê com poder aquisitivo, passa a “copiar” a corte e suas formas de se vestir. Segundo Lipovetsky (2007) não apenas como distinção social entre a burguesia recém-chegada e a antiga nobreza fechada em suas suntuosidades. Para além da distinção social, a moda surge como “atrativo, prazer dos olhos e da diferença” (LIPOVETSKY, 2007, p. 64).

“O reino da moda, que se instaura no final da idade média, não deve ser concebido como maneira de fugir, de aturdir-se contra os infortúnios e as angústias do tempo; está muito mais na continuidade das normas e atitudes mentais próprias à vida senhorial, ávida das felicidades do mundo.” (LIPOVETSKY, 2007, p.64). A moda surge, segundo o autor, como desejo de se gozar os prazeres antes vivenciados apenas pela corte, ou seja, mesmo que a nova classe burguesa tivesse se apropriando das aparências da classe nobre através das indumentárias, o desejo maior era o de se apropriar do estilo de vida e da felicidade experimentada pela nobreza.

Corroborando com o período onde Lipovetsky (2007) situa o surgimento “oficial” da moda, Gilda de Mello e Souza (2009) afirma: “É a partir do Renascimento, quando as cidades se expandem e a vida das cortes se organiza, que se acentua no ocidente o interesse pelo traje e começa a acelerar-se o ritmo das mudanças” (SOUZA, 2009, p.20). A autora localiza, então, a moda no período do Renascimento mostrando que, durante essa época, as mudanças se tornaram mais frequentes, o desejo de competir e de imitar passaram a se tornar notórios. E tais desejos são premissas básicas para que o sistema de moda exista. Dessa forma, com as indumentárias em mudanças cada vez rápidas e uma nova classe imitando os trajes da corte, eis que se percebe, mais nitidamente, a moda.

A indumentária, então, por ser a primeira forma de expressão desse novo desejo de mudança por parte da nova classe vigente, é muitas vezes confundida como único meio de se expressar e significar a moda. Porém, essa, apesar de ter sido a pioneira para se definir a moda, não é o único fator determinante para disseminá-la. Já que, pelo que se viu, outros valores de desejos de felicidade e estilo de vida da corte eram talvez superiores ao desejo da vestimenta.

A classe burguesa, a fim de se apropriar dos valores e estilo de vida da corte, passa a se vestir como tal, imitando as formas, cores, detalhes e tecidos das indumentárias advindas da nobreza. A corte sentia-se invadida e, de maneira geral,

incomodada com a “imitação”. Surgiram, então, as leis suntuárias, que determinavam que as roupas da corte não poderiam ser imitadas por classes plebeias. Porém, sabe-se que tais leis jamais tiveram eficácia, sendo transgredidas várias vezes (LIPOVETSKY, 2009).

Sabe-se que não apenas pelo vestuário definimos a moda, porém, para o marco da sua origem é sabido que foi no vestuário as maiores evidências de que o fenômeno havia nascido. Durante a segunda metade do século XIX, primeiramente percebida na França, a moda concretizou-se como tal.

Apesar da indústria têxtil ter sido alavancada na Inglaterra durante a Revolução Industrial, o fenômeno Moda encontrou um terreno de fértil disseminação na França. As razões para isso são meramente especulativas, e muitos historiadores atribuem ao fato de a corte da França ser referência em costumes e modo de vida e ao país possuir uma forte indústria têxtil instalada na região de Flandres. De qualquer maneira, a França logo se firmou como pólo difusor de modas (VICENTINI, 2010, p. 14).

Os avanços tecnológicos e a ascensão da burguesia fizeram nascer uma necessidade de “igualdade” e desejo de reconhecimento social, quando, a nova classe vigente percebe a nobreza como modelo estético a ser seguido. A classe burguesa, então, a partir de trabalho e lucro, podia agora adquirir aquilo que tinham como modelo. Portanto, especificamente no vestuário, viam-se imitações estéticas de modelos provenientes da nobreza, de estrangeiros, do diferente. E, mesmo sabendo que, nessa época, algumas leis de proibição dessa cópia foram anunciadas, as “imitações” continuavam, como bem podemos perceber em Lipovetsky (2007):

Há séculos, múltiplos decretos, com prescrições minuciosas, proibiam as classes plebéias de copiar os tecidos, acessórios e até as formas de vestuário nobre. Sabe-se que, apesar das ameaças e multas de que eram acompanhados, jamais tiveram eficácia e foram muitas vezes transgredidos. (LIPOVETSKY, 2007, p. 41).

Essas leis, que, como se sabe, nunca haviam sido seguidas de fato, chamadas leis suntuárias, foram, então, em 1793 extintas com o Decreto da Convenção, que dava liberdade de vestuário. Assim, durante essa época, “a alta sociedade foi tomada pela febre das novidades, inflamou-se por todos os últimos achados, imitou alternadamente as modas em vigor na Itália, na Espanha, na França.” (LIPOVETSKY, 2007, p.33). Assim, aquilo que era estrangeiro e diferente, ganhou destaque e necessidade de apoderação. Tem-se a partir de então, uma

sociedade em busca do novo. Dessa maneira, com a ascensão da moda, da necessidade do que é diferente e novo, temos um marco na história da humanidade, já que, com isso, o termo moderno vem a surgir. E muitas roupas eram copiadas, muitos tecidos eram comprados e a corte perdia o controle de fiscalização.

Para Castilho e Martins (2005):

Nem sempre foi assim, pois, segundo a história da moda, é somente na idade Média que surge a palavra e o conceito de moda no sentido que conhecemos hoje: movimento cíclico, mudança permanente na forma de trajar. Do latim *modus* (maneira, medida), o termo moda designa maneira e, depois, jeito (*façon*, em francês, que evoluiu para o termo inglês *fashion*) (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 32).

Os autores apresentam a mesma a moda como movimento cíclico, corroborando com os demais autores acima citados de que a mudança trata-se de um conceito essencial para que a moda possa existir. Assim, localizam também historicamente a moda na Idade Média, onde essa mudança passa a ser mais notada e, ainda segundo Castilho e Martins (2005), é nesse período onde se percebe a “maneira coletiva de se vestir”. Dessa forma, a mudança é instigada e as “novas modas” são lançadas, cada vez mais, a partir de então.

Com essas mudanças cada vez mais rápidas e mais buscadas, profissionais para a área de confecção de roupas surgiam a cada dia. Primeiramente, os costureiros, aqueles que apenas copiavam e reproduziam modelos pré-existentes. Com o surgimento, então, desses novos modelos, surgidos a partir de modelos já existentes, mas em novos formatos, cores e tecidos, surge também a chamada “alta costura”, e, com ela, novos profissionais para essa tarefa.

2 A IMPORTÂNCIA DE FREDERICK WORTH PARA O SURGIMENTO DE COLEÇÃO DE MODA:

Com as inovações tecnológicas vigentes, em um momento histórico de transformações na moda e surgimento de um sistema de moda, Charles Frederick Worth (1825-1895), nascido em Bourne, Lincolnshire, transfere-se para Paris em 1846 e passa a trabalhar de balconista na “*Gagelin & Opigez*”, uma loja bastante conhecida, especializada em tecidos e materiais diversos, tais como vestido, xales e sedas (COURTEAUX, 2005).

Worth criava alguns vestidos e sua esposa *Marie Vernet*, usava como uma “modelo”. Com isso, Worth teve que abrir um espaço para atender as clientes que estavam se interessando por esses vestidos usados por sua esposa.

Antes de Worth, as roupas eram feitas por costureiros que apenas reproduziam aquilo que as senhoras apresentavam, seja a partir de revistas ou bonecas de moda, a a partir dos tecidos trazidos também por elas. Ou seja, a cliente fazia parte da decisão da peça, não se tratava ainda de uma roupa desenvolvida por um profissional, mas sim de uma roupa onde a cliente tinha participação na “criação”.

Segundo COURTEAUX (2005), Worth começa a ter mais sucesso, quando a princesa *Metternich*, esposa do embaixador da Áustria em Paris, o encomendou um vestido, o qual ela usou em um baile no Palácio das Tulherias (*Tuileries Palace*). Muitas mulheres da “alta sociedade” que ali estavam, queriam saber quem havia feito tal vestido. A imperatriz Eugénie percebeu o vestido, indagando a princesa quem seria o “criador” do vestido, passando a se tornar cliente de Worth. Sua maior visibilidade começa a partir desse registro histórico.

Edith Wharton, em seu romance “A Idade da Inocência” (*The Age Of Innocence*), publicado em 1920, cita Worth: “*two years before she died they found forty-eight Worth dresses that had never been taken out of tissue paper*”¹. (WHARTON, 1920, p. 260). O romance em questão apresenta a “alta classe” de Nova Iorque e Worth é citado algumas vezes, deixando claro que suas peças de roupas eram desejadas tanto em Paris como fora de Paris, pela “alta sociedade”.

Outono de 1857 – inverno de 1858: Charles-Frédéric Worth funda, na rue de la Paix em Paris, sua própria casa, primeira da linhagem do que um pouco mais tarde será chamado de Alta Costura. Ele anuncia: “Vestidos e mantôs confeccionados, sedas, altas novidades”, mas a verdadeira originalidade de Worth, de quem a moda atual continua herdeira, reside em que, pela primeira vez, modelos inéditos, preparados com antecedência e mudados frequentemente, são apresentados em salões luxuosos aos clientes e executados após escolha, em suas medidas (LIPOVETSKY, 2007, p.71).

¹ “dois anos antes de morrer eles encontraram 48 vestidos de Worth que nunca tinham sido tirados do papel de seda”



Figura 1 – Frederick Worth

Fonte: <http://modahistoria.blogspot.com/2008/06/worth-pai-da-alta-costura.html>

Pode-se dizer que Charles Frederick Worth (figura 1), em meados de 1857, passa a apresentar, segundo registros históricos, pela primeira vez, um trabalho que partiria para além do alfaiate. Worth, passa a trabalhar em seu ateliê, diferente dos trabalhos de alfaiate executados, sob medida, após pedido das clientes. Passa a elaborar e executar peças anteriormente. Assim, tem-se um registro histórico da primeira coleção de moda. Os modelos poderiam ser escolhidos e adaptados às medidas das clientes, porém, a coleção era idealizada por ele.

Segundo Baudot (2002,p.8): “Foi na França, sob o Segundo Império, com apoio oficial, que um inglês, Charles Frederick Worth, fixou as regras da alta-costura parisiense. Tecidos, cores, motivos, formas em evoluções sazonais...”

Tal registro histórico apresenta o precursor do trabalho metodológico de coleção. Um método intuitivo, empírico e novo, porém, viria a trazer para o trabalho de desenvolvimento de coleção, uma base de elaboração. Além disso, com a apresentação das suas peças (ver figura 2) vestidas em algumas mulheres da sociedade que aceitaram desfilarem, para as clientes em salões luxuosos, Worth também deixa registrado o primeiro desfile de moda. Assim, garante para a história da moda, o surgimento do profissionalismo na área, quando, a partir dessa apresentação, tira a cliente do papel de “estilista”, já que anteriormente apresentava para o alfaiate a roupa que desejava reproduzir. Agora, um profissional apresentaria sua coleção e a cliente escolheria.

Portanto, registra-se aqui, a importância histórica desse profissional para a área de moda em vários aspectos: criação, desenvolvimento de produto, modelagem e medidas, desfile de moda e coleção de moda.



Figura 2 –Vestido criado por Worth

Fonte: <http://modahistoria.blogspot.com/2008/06/worth-pai-da-alta-costura.html>

Além disso, Worth apresenta, para registro de sua “marca”, uma etiqueta com sua assinatura (figura 3). Isso é também de extrema importância para a história da moda, já que, com a ideia de etiqueta, deixa registrado seu nome como profissional da moda, além de garantir o “desejo” daquelas que posteriormente iriam procurar o seu trabalho. Segundo Embacher (2003, p.41) Worth “cria o primeiro conceito de griffe”.



Figura 3 – Etiqueta com assinatura de Frédéric Worth

Fonte: <http://modahistoria.blogspot.com/2008/06/worth-pai-da-alta-costura.html>

Ao propor modelos confeccionados sob medida aos clientes, Worth firma-se como criador justamente no período em que nascia a industrialização em grande escala e em que se promovia a ascensão de uma burguesia disposta a renovar seus trajes pelas mãos especializadas de um sujeito que garantia o “exclusivo”. (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 34).

Todo esse trabalho de Worth acontecia paralelamente ao momento histórico em que estava inserido, já que os ideais da Revolução Industrial, trazia a divisão e fragmentação da mão-de-obra, além de avanços em maquinários. Dessa forma, o

pioneirismo desse profissional viria a coincidir com um processo de “revolução” na indústria e nas formas de divisão do trabalho.

As necessidades da moda, formas, cores ou “inovações”, coincidem com os momentos históricos em que a sociedade está inserida. Dessa forma, após a revolução industrial, os avanços tecnológicos eram cada vez maiores e a mão-de-obra em confecções aumentava a demanda.

Alguns alfaiates e costureiras beneficiaram-se das invenções relacionadas às agulhas, e em 1830, um alfaiate francês, Barthélemy Thimonnier, colocou à venda um modelo de máquina de costura, que ele mesmo utilizava em seus trabalhos. Alguns anos depois, Isaac Singer, nos Estados Unidos, lançou a primeira máquina de costura com pedal e passou a dominar esse mercado. (VICENTINI, 2010, p. 12).

Trata-se de um período onde, de maneira paralela, o primeiro registro histórico de criação de moda era observado e inovações tecnológicas de confecção eram vistos. Dessa forma, ainda falando de Worth, via-se em suas criações, uma associação de pioneirismo em coleções de moda e uso das invenções tecnológicas percebidas naquele período. Segundo Lipovestsky (2007, p. 72): “Sob a iniciativa de Worth a moda chega à era moderna; tornou-se uma empresa de criação mas também de espetáculo publicitário.”

Lipovestsky (2007) dá a Worth o lugar de primeiro criador de moda, segundo o autor:

“Fim da era tradicional da moda, entrada em sua fase moderna artística – tal é o gesto realizado por Worth, o primeiro que introduz mudanças incessantes de formas, tecidos, de acessórios, que transforma a uniformidade das toaletes a ponto de chocar o gosto do público.” (LIPOVESTSKY, 2007 p. 79).

Worth produzia vestidos de luxo em série, eram cerca de 6.000 a 7.000 vestidos ao ano, destinados à Europa e aos Estados Unidos, produção bastante significativa para a época. Sua primeira Maison, em sociedade com Otto Bobergh, chegou a ter quase 1.200 funcionários, estabeleceu o conceito de produção fabril e o de algumas profissões como a de modelista.

Após o pioneirismo de Worth na alta-costura, diversas casas com a mesma organização da Maison de Worth foram sendo inauguradas. Segundo Lipovestsky (2007, p.72):

Depois, dezenas de casas organizadas sobre os mesmo princípios aparecem: na exposição de 1900, vinte casas de Alta Costura estão presentes, entre as quais Worth, Rouff (fundada em 1884), Paquin (1891), Callot Soeurs (1896). Doucet, que mais tarde empregará Poiret, abre suas portas em 1880, Lanvin em 1909 Chanel e Patou em 1919.

Outros nomes de profissionais na área de criação de moda foram surgindo na Alta Costura. Assim, apesar da moda ter surgido antes mesmo disso, percebe-se a partir da Alta Costura e das contribuições de Worth um “processo de inovação e de fantasia criadora sem precedente” (LIPOVESTSKY, 2007, p. 73).

Tem-se com Frederick Worth, portanto, o surgimento dos princípios da coleção de moda. Os registros históricos aqui apresentados servem de base para estudos de localização histórica dos projetos de coleção de moda.

Referências

BAUDOT, François. *Moda do Século*. Trad. Maria Thereza de Rezende Costa. – São Paulo: Cozac Naify, 2002.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. *Discursos da Moda: semiótica, design e corpo*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.

DE MARLY. D. *Worth: Father of Haute Couture*. London: Elm Tree Books, 1980.

KRICK, Jessa. "Charles Frederick Worth (1826–1895) and The House of Worth". In *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000–. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/wrth/hd_wrth.htm. 2004.

LAVIER, James. *A roupa e a moda*. Trad. Glória M. Carvalho. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

LEHNERT, Gertrud. *História da moda do século XX*. Alemanha: Könemann, 2001.

LIPOVESTSKY, G. *O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O Luxo Eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas* / Trad. Maria Lúcia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PIRES, B. D. (org.). *Design de Moda: olhares diversos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

OLIVIER, Courteaux. Charles Frederick Worth, the empress eugénie and the invention of haute-couture. In: Napoleon. Org, 2008. Disponível em: http://www.napoleon.org/EN/reading_room/articles/files/471885.asp

SEELING, C. Moda. O século dos estilistas 1900-1999. Trad. Letrário. Könemann, Colonia, 2000.

SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas – A moda no século dezenove. São Paulo: Cia Das Letras, 2009.

VICENTINI, C. Ferramentas e metodologia de projeto aplicados na criação de produtos para a indústria têxtil-confecção. Tese de doutorado (Doutorado em Engenharia Mecânica). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

WHARTON, Edith. The Age of Innocence. New York: Grosset & Dunlap Publishers, 1920.